

O Centro Cultural Jorge Zanatta Como um Espelho da Cidade

Gustavo De Lucca – Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Unesc

Quando não se compreende a cidade como um projeto de vida coletiva, flerta-se com o empobrecimento constante dos espaços sociais e com a renovação de áreas de interesse histórico. Paisagens que espacializam a construção da cidade e as memórias da comunidade logo se fragmentam, às vezes irreversivelmente. Fragilizadas e sem efetiva preservação, sobrevivem sem garantias de permanência, permeando a falta de ações da administração pública e o que sobra do vigor das pressões imobiliárias.

Largado por anos à própria decomposição, recentemente o edifício que abrigou o Centro Cultural Jorge Zanatta amanheceu sob a calamidade de um incêndio. Não fosse a própria tragédia das chamas, já a seria enquanto produto de anos de descaso. Em imóveis históricos, o abandono e a demora por ações costumam ser implacáveis e conspiram para seu rápido desaparecimento. Assim, como um espelho da cidade que o envolve, o Jorge Zanatta reproduz em si o poder econômico, as demandas e as fragilidades urbanas ao longo das épocas.

Foi construído lá nos anos de 1940, sob um quadro de consolidação de Criciúma como a “capital do carvão”. O minério que fazia circular riquezas também atraiu a presença física do Estado, nesse caso constituída por uma edificação administrativa para o DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), e algumas residências para os seus funcionários, que, juntas, contribuíram para configurar a Praça do Congresso e a urbanização em seu entorno.

Sobre um alicerce na rua Cel. Pedro Benedit, no estratégico endereço entre a Praça Nereu Ramos e o Hospital São José, o Jorge Zanatta se tornou um dos símbolos de poder e de solidez da economia carbonífera em Santa Catarina. Destacava-se na paisagem central pela imponência produzida por sua escala, pelos afastamentos que o diferenciavam das demais edificações da rua e pela rígida simetria arquitetônica de suas arcadas e acessos – linhas que mesclam a rigidez de influências clássicas e neocoloniais com a generosa permeabilidade entre os setores internos e os jardins e a rua.

Ao longo das décadas, transformações econômicas no País e na cidade o condicionaram a adaptações. Além de sede regional do DNPM, também acolheu o Conselho Nacional do Petróleo, serviu de cárcere a presos políticos no Regime Militar e, enfim, com a retomada da democracia, estampou-se como símbolo da Fundação Cultural de Criciúma.

Nesse processo, a renovação do centro da cidade o apequenou, contornando-o com escalas construtivas incompatíveis, que o restringem à insolação e ao merecido destaque na paisagem. Apesar de reconhecido como bem histórico municipal, desde 2013 a falta de manutenção tornou insustentável a sua ocupação. A partir daí a história recente é de todos conhecida. Vazio, fragmentado e sem a vida cultural que um dia ocupou suas salas e jardins, o Jorge Zanatta representa o atual descaso com a cultura e com os acervos históricos de Criciúma. É o espelho da cidade e das promessas não cumpridas. Salvá-lo, com urgência, do permanente desaparecimento seria refletir em suas paredes uma cidade um pouco melhor.

